

21º Congresso Brasileiro de Sociologia
11 a 14 de julho de 2023
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
GT20. SOCIOLOGIAS EMERGENTES, ESTUDOS CULTURAIS E
PÓS(DE)COLONIAIS

Sociedade da informação e do conhecimento no Haiti: o (co) agenciamento dos imaginários (coloniais, neoliberais e internacionais) na organização do Estado.

Mardochee Ogécime, Universidade Federal de Minas Gerais/Universidade Federal de Ouro Preto.

Maria Aparecida Moura, Universidade Federal de Minas Gerais.

Agência de fomento à pesquisa: CNPQ.

RESUMO

Este artigo analisa a sociedade da informação e do conhecimento no Haiti como experiência histórica vivida de alteridade. Objetiva-se explorar as formas de interação entre a sociedade-mundo e o Haiti com intuito de compreender a instituição e (re)configuração da sociedade da informação e do conhecimento no país. Opta-se por uma apreensão da sociedade da informação e do conhecimento como instância resultante e direta de três modos de interação: as relações coloniais e neocoloniais e internacionais. Esses três modos de relacionamento são aparentemente separados, mas participam das mesmas redes imaginárias de superioridade e inferioridade, de negação ou de desprezo do país como o “outro” a ser incluído na ordem mundial. Por tanto, a persistência do subdesenvolvimento no país, além dos esforços conjugados em prol da concretização das apostas do projeto da sociedade da informação e do conhecimento, trata-se, a priori, de uma questão de ordem simbólica, cujas raízes se encontram em um imaginário ambiente que se baseia em relações assimétricas que datam da era colonial. Na sociedade da informação e do conhecimento, esta dominação se transversaliza pela instrumentalização do capital simbólico cuja instância simbólico-material se encontra na matriz composta pela informação-conhecimento-tecnologia.

ABSTRACT

This article analyzes the information and knowledge society in Haiti as a historical experience lived by otherness. It aims to explore the forms of interaction between the world-society and Haiti in order to understand the institution and (re)configuration of the information and knowledge society in the country. It opts for an apprehension of the information and knowledge society as a resultant and direct instance of three modes of interaction: colonial, neocolonial and international relations. These three modes of relationship are apparently separate, but they participate in the same imaginary networks of superiority and inferiority, of denial or contempt of the country as the "other" to be included in the world order. Therefore, the persistence of underdevelopment in the country, in addition to the joint efforts in favor of the realization of the bets of the information and knowledge society project, is, a priori, a question of a symbolic order in, whose roots are imaginary environment that is based on asymmetrical relationships dating from the colonial Era. In the information and knowledge society, this domination is transversalized by the instrumentalization of symbolic capital whose symbolic-material instance is found in the matrix composed by information-knowledge-technology.

Keywords: Political economy of information; Political economy of development; information-knowledge-technology; imaginary; decoloniality; information and knowledge society.

1 INTRODUÇÃO

Parte-se da apreensão da sociedade da informação e do conhecimento como um projeto político baseado na consciência das consequências do subdesenvolvimento na sociedade global. Na periferia, essas consequências são resultado da crise civilizacional nas relações entre diferentes sociedades globalizadas. Sob esse ângulo, a sociedade da informação e do conhecimento é vista como um projeto que busca manter essas relações que alimentam a sociedade global. Geralmente, as iniciativas de sua implementação consistem em medidas e ações de desenvolvimento para comunidades consideradas “atrasadas, subdesenvolvidas e periféricas” (OGECIME; MOURA, 2019; 2020b). Na sua caracterização de "sociedade-mundo", consolida-se a lógica de uma sociedade globalizante em que diversas dinâmicas sociais são marcadas por tensões entre homogeneização e diferenciação política e cultural. Esta concepção decorre da intensificação da globalização, em que a economia política é vista como uma "economia-mundo" conectada por relações econômicas complexas (WALLERSTEIN, 2011).

No Haiti, as iniciativas baseadas nessa economia-mundo, centradas na informação, conhecimento e tecnologia, parecem inadequadas (GOUVERNEMENT..., 2012; BAUER, 2016). Os limites desta consideração se objetivam pelo fato de que as abordagens matemáticas que enfatizam as métricas de organização deste modelo são irrelevantes para compreender a dimensão antropológica e cultural da sociedade. Nessas iniciativas, a filosofia política da modernidade eurocentrada obscurece a relação entre subdesenvolvimento, cultura e política (DUSSEL, 2005). As relações de poder são parametrizadas no discurso sobre o "Outro" e nas práticas de colonização e cooperação internacional (CASTORIADIS, 1992, 2002). No contexto nacional haitiano, as violências políticas que decorrem desta organização sociopolítica se manifesta na distribuição de privilégios sociais e individuais, por meio da relação assimétrica “centro-periferia”. Elas são alimentadas pelas filosofias fundamentais da modernidade, que perpetuam a escravidão, racismo, patriarcado, internacionalismo, epistemicídio, feminicídio, ecocídio e outros processos de produção e reprodução da vida (OGECIME; MOURA, 2020a).

Destas filosofias, a ação e trabalho sobre a informação tomam seu lugar; trata-se de considerar, além da dimensão operacional (alfabetização, metodologia, competências e as técnicas), o conjunto de práticas, comportamentos, conhecimentos implícitos e explícitos em jogo nos processos de produção simbólica nos grupos sociais. Entende-se que as funções informacionais e cognitivas que organizam a cultura que decorre desta

organização mundial procedem ao caráter simbólico e social destas relações de poderes; elas contribuem para essa introdução e inclusão ao mundo, revelando as leis de pensamento, organização e de categorização da vida nacional, em seus vertentes informacionais particulares.

Portanto, este artigo objetiva (re)pensar a sociedade da informação e do conhecimento no Haiti como um fenômeno sócio-político, sócio-antropológico e socioeconômico, por meio da análise dos mecanismos de dominação que mantêm essas estruturas e do estudo das dinâmicas de sua evolução a partir das lutas sociopolíticas e das classes sociais. Trata-se de uma análise da dependência estrutural que procura explicar como os fatores internos e externos da dominação do país interagem dentro da organização social, política e econômica da sociedade-mundo. É uma tentativa de entender os sistemas de dominação local em sua relação com o sistema mundial da sociedade da informação e do conhecimento, pois a sua dependência não é mecanicamente condicionada pelos centros hegemônicos. Supõe-se que existe, portanto, uma dinâmica de interação entre o interior e o exterior.

2 A (RE) DEPARTAMENTALIZAÇÃO COLONIAL DO HAITI PARA O SISTEMA-MUNDO COMO VETOR DETERMINANTE DA ORGANIZAÇÃO DO ESTADO CONTEMPORÂNEO

A apreensão do imaginário sob o qual é instituído o Estado-Nação haitiano requer um exercício holístico de interpretação e de estudo capaz de abranger o (co)agenciamento da ordem colonial, neocolonial e internacional que resultaram na construção de uma realidade social globalmente subdesenvolvida e complexa. Desde a sua gênese no sistema-mundo, o país conheceu uma colonização espanhola (a partir de 1492), como primeira intervenção de alteridade e normalização ocidental; uma colonização francesa (a partir de 1697) que intensificou a sua conexão cultural mundializante a partir da divisão geoeconômica (África – Santo Domingo – Europa) e resultou à institucionalização do Estado-Nação; e, uma colonização americana (1915) que instituiu no país o vetor neoliberal para a economia globalizada do tipo financeiro.

Refere-se ao termo de “Estado-Nação” como espaço em que os limites culturais se fundem com os limites políticos. Trata-se, neste contexto, de um conceito teórico, político e histórico, designando a justaposição de um Estado enquanto organização política à uma Nação; ele designa os agentes que se consideram como relacionados e pertencentes a uma mesma comunidade.

Nesta perspectiva, o reconhecimento do Haiti como nação e dos haitianos como pertencentes à raça humana colidiram inevitavelmente com a realidade objetiva das diferenças que separam seus cidadãos e suas sociedades, com as desigualdades de poder e capacidades dos indivíduos no interior da mesma sociedade e das diversas sociedades (BESSIS, 2002). O preço a ser pago pela sua adesão à comunidade internacional e à raça humana foi a assimilação, pois a sua cultura foi deslegitimada (DUSSEL, 1994). Neste sentido, não se tratava de excluí-lo como um “outro”, mas de incluí-lo, negando-o na medida em que é semelhante a si mesmo. Foi o que aconteceu após a independência do país. As elites políticas se voltaram para o modelo cultural francês como modelo de civilização. Elas adotaram os mesmos significados que seus antigos colonos e mantiveram sua cultura tradicional em um status de subordinação (WEIK, 2015).

[Ou seja] organizar o estado com base no modelo europeu. A grande maioria dos haitianos falava apenas crioulo, mas a língua francesa foi mantida; a grande maioria praticava apenas vodu, mas a religião católica se tornou a religião oficial; o Código Napoleônico, o sistema educacional francês e as estruturas administrativas desenvolvidas na França continental foram adotadas. Na vida pública e na vida privada, modelaram-se uma organização e um modo de vida que só fez sentido para a minoria daqueles que detinham o poder”. (BESSIS, 2002, p. 16, tradução nossa).

Portanto, pode-se dizer que, desde a sua concepção nacional, o Estado da nação haitiana foi estabelecido com base na exclusão da maioria nos critérios da linguagem, expressão artística, práticas culturais e religiosas diferentes do cânone eurocêntrico (BESSIS, 2002). Desde o início, houve um divórcio entre o Estado e a sociedade e, especialmente, no que diz respeito à inclusão social, política e emancipação econômica.

É, exatamente, este divórcio que define e orienta as relações de produção (sociais e técnicas) e as classes sociais dinamizadas e permutadas na ordem mundial por meio das políticas do Estado. Para a sociedade da informação cujas instâncias de valor estão instrumentalizadas nas categorias “informação-conhecimento-tecnologia”, a compreensão do subdesenvolvimento do país não se deve enquadrar como um estágio, mas de um processo difícil de ser apreendido na concepção global da evolução das suas estruturas. No país, a institucionalização efetiva e materializada desta natureza de sociedade e as formas de ser e de viver dos seus incluídos estão vinculadas às possibilidades e impossibilidades das capacidades/incapacidades que decorrem da dinâmica social-histórica na distribuição de privilégios, chances e oportunidade entre as instâncias sociais e individuais.

Sob esta organização social, estão configuradas as propriedades, funções e atributos da esfera informacional. Tais elementos modelam e definem as medidas matemáticas de desenvolvimento da sociedade da informação e do conhecimento, sejam: na relação do país ao outro desenvolvido ou na relação do centro à periferia no interior do país, e, são as condições materiais de realização da vida que decorrem desta realidade social-histórica.

Eles definem e condicionam o acesso à Cultura, dispositivos de informação e comunicação, as determinadas competências disponíveis, entre outros indicadores (VICENTE; LOPEZ MENENDEZ, 2003; CITRARO, 2012). Para a realidade do país, entendido como subdesenvolvido, eles são considerados como os critérios de avaliação e de referências que produzem seus efeitos perversos próprios, sobre o indivíduo haitiano, a sociedade e sobre o desenvolvimento econômico, social, político e cultural. São configuradores das consequências diretas sobre os setores: Educação, Saúde, Economia, Política e a vida material.

Na sociedade haitiana contemporânea, eles são, heurísticamente, a causa e a consequência da normalização social do tipo informacional. As possibilidades e impossibilidades do país de articular-se, historicamente, ou seja, operacionalizar a inclusão social, econômica e cultural entre as categorias (conectados e não conectados; info-ricos e info-pobres) que transitam desta congregação histórica dos seus imaginários. Herdado do colonialismo, pode-se dizer que o imaginário do Estado-Nação haitiano é, desde a sua gênese, uma pura ficção e um imaginário vazio (CORTEN; MOLINA, 2015).

Pois o Estado nem se entende como uma instância de unificação de classes e estratos sociais: é pura representação da nação tanto aos olhos da própria população como aos olhos da elite para o mundo “estrangeiro” ocidental; para que qualquer identidade haitiana seja estritamente inimaginável (DUSSEL, 1994). As evidências disto são as ações de violência empreendidas pelo Estado para obstaculizar e/ou negar à população o direito de desenvolver e criar valores sociais sobre suas próprias tradições culturais, diferenciadas daquelas normalizadas pelo Ocidente (HOFFMANM, 1990; NICHOLLS, 1996).

Consequentemente, é desta alteridade que decorre a incapacidade da instituição do Estado-Nação haitiano para efetivar uma aplicação generalizada dos direitos humanos aos seus indivíduos; pois a sua originalidade consiste em negar a nação àquele que ele não para de recorrer. Uma nação que só é real adotando um culto ocidental (HURBON, 2005), uma língua ocidental (POMPILIUS, 1985a, 1985b), um sistema educacional ocidental (BRUYNINCKX; PILON, 2010) e, simplesmente, um projeto civilizatório ocidental

(DUSSEL, 1994). Portanto, este Estado-nação é estabilizado em uma funcionalidade transnacionalizada e transnacionalizante que configura a sua essência no constante mimetismo dos Estados-Nações ocidentais e se realize como uma estrutura simbólica formal, na maior lacuna possível com a sociedade civil e, portanto, no maior desinteresse em relação a uma aplicação dos direitos humanos ao povo (BESSIS, 2002).

Esse Estado-Nação fictício instaurado e enraizado nesta aposta transnacionalizante não consegue permitir à sociedade nacional determinar suas próprias prioridades. Mas acima de tudo, ele promove uma subjugação (assujeitamento) cultural que parametriza a marginalização da grande maioria e transposição das demandas da população na esfera da maioria minorizada na agenda do Estado, na direção que efetiva a perpetuação e manutenção das relações de poderes herdadas da ordem colonial (DUSSEL, 1994).

Esta ficção se desdobrou numa organização do poder que produziu, à sua vez, efeitos distorcidos e falhou com as apostas da emancipação do Estado-Nacional. Esses efeitos decorrem da instrumentalização da razão pelo poder colonial, chamado por Dussel (1994) de “Ego conquiro”; a sua essência material surgiu num movimento simultâneo do colonialismo e do capitalismo que molda tanto a formação antropológica do ser haitiano para a sociedade-mundo como a institucionalização da Administração pública do país. É este movimento que se intensifica e trans-posiciona as condições de realização da vida no espectro da propriedade privada e a exploração do “outro” como direito de representação dos valores humanos na sociedade haitiana.

Esta configuração cultural tem possibilitado a instauração e manutenção de um sistema político-econômico-social pluto-clepto-genocidiocrata marcado por desigualdades extremas, corrupção endêmica e violência epidêmica. Na administração pública do país, é instaurada uma cultura de governabilidade reprodutora de efeitos perversos de um pensamento político amealhado pelo patrimonialismo, favoritismo, nepotismo e as viciadas práticas de clientelismo, apropriação de fundos e bens públicos, fraudes, tráfico de influências e dilapidação de fundos públicos [...] mascarados pela burocratização do aparato do Estado (BUREAU DE RECHERCHE..., 2007). No decorrer das experiências da administração pública do país, lemas como: “Depenar a galinha, mas, cuidado para que ela não grite”, “todos somos ladrões” e “Nadar para sobreviver” costumam normalizar e naturalizar a reprodução da violência do Estado na gestão dos bens públicos (CADET, 2008).

Para as apostas da sociedade da informação e do conhecimento, os distúrbios desta cultura na Administração Pública são obstaculizadores à inteligência social, como eixo norteador das novas mutações estruturais em prol da modernização do aparato do Estado. Esta modernização que, se suporia centralizar nas funções da informação como instrumento de controle social se normaliza, infelizmente, nesta filosofia de gestão que permeia todos os níveis da Administração pública. Portanto, ela é assimilada pela obstrução da dinâmica que daria lugar de destaques aos diversos aparatos de informação do Estado (arquivos, bibliotecas, centros de documentação etc.) para a consecução da democracia participativa por meio da publicização da informação, produto e insumo dos processos de gestão pública. Consequentemente, a corrupção generalizada no país se mecaniza, paradoxalmente, em uma ordem de “dissimulação informacional” e de tentativa de labelização técnica para a publicização da informação pública.

A corrupção generalizada no país, como produto desta construção sócio-histórica, desafia este espírito funcionalista e determinista que orienta a filosofia da sociedade da informação e do conhecimento que costuma centralizar a questão das lutas contra a corrupção no vetor informacional, especulando sobre a capacidade das TICs para a criação de um ambiente de transparência (GOUVERNEMENT, 2012).

Do entendimento geral deste fundamento, pode-se dizer que os investimentos em prol do e-government, das tecnologias sociais e das ações sobre a informação constituem, efetivamente, possíveis ferramentas de abertura e anticorrupção para a sociedade. No entanto, a análise de impactos da corrupção sobre o desenvolvimento do país se encontra em uma abordagem socioantropológica e política (em termos, lato sensu) que supõe superar este funcionalismo, na busca da compreensão das particularidades do fenômeno da corrupção e seus vínculos com as motivações e incentivos econômicos que controlam o poder corruptivo dos agentes e das agências do Estado por meio de regras de diversas formas de desviação de condutas (BRODEUR, 2012).

Confrontar a corrupção institucionalizada no país requer uma reforma do Estado com abordagens políticas, econômicas e sociais profundas. A reforma econômica é crucial na luta contra a corrupção, mas a desregulamentação e a expansão dos mercados consistem em fortalecer a corrupção. A estrutura econômica do país geram impactos positivos sobre os esforços de combate à corrupção, tornando-a mais uma ferramenta de regulação política e social do que de desenvolvimento e emancipação (WORLD BANK, 1997; BRODEUR, 2012). A acumulação de características coloniais e neocoloniais no Estado haitiano

fortalece o domínio dos grupos oligárquicos sobre a esfera pública, dificultando a transparência e os processos deliberativos. A falta de acesso à informação é evidente no país, apesar do reconhecimento constitucional deste direito. Não existe uma lei que garanta efetivamente o acesso à informação e não há procedimentos para atender às solicitações dos cidadãos. A corrupção sistêmica no Estado priva a sociedade civil de participação plena na vida democrática. O Haiti é classificado como um dos países mais corruptos do mundo, o que é um obstáculo para o seu desenvolvimento (COMISSION..., 2015; TRANSPARENCY..., 2020).

Gráfico 6 – Evolução do índice de percepção da corrupção no Haiti.



Fonte: TRANSPARENCY INTERNATIONAL, 2020.

A institucionalização da corrupção no país leva à perda de receita, desvio de recursos públicos e altos riscos de corrupção nas compras públicas (RECHERCHE..., 2007; ORGANISATION..., 2011). A transnacionalização da corrupção envolve os mecanismos institucionais e estruturais da corrupção, e atores estrangeiros, como organizações internacionais e organizações não governamentais, compartilhando a responsabilidade pela institucionalização da corrupção no país (BRODEUR; DELORME, 2011; ALLIX, 2010; KLARREICH; POLMAN, 2012). A complexidade dos procedimentos operacionais econômicos e a normalização da corrupção dificultam a realização de transações no país, e, conseqüentemente, o alto índice de desemprego e o alto custo de vida contribuem para as precárias condições de vida no país (HONLONKOU,

2003; BRODEUR; DELORME, 2011; RECHERCHE..., 2007; ORGANISATION..., 2011).

3 DA COLONIZAÇÃO “AMERICANA” AO EXTRATIVISMO INFORMACIONAL

A ocupação americana no Haiti no início do século 20 foi um movimento de neocolonização do país; isto afetou profundamente a economia e a política do país. Esta ocupação visava modernizar o Estado e adaptá-lo à organização econômica internacional, mas também resultou na imposição de uma estrutura de dominação político-democrática que servia aos interesses dos EUA na América Latina e no Caribe. A ocupação afetou o futuro do país e resultou na manutenção das suas relações de dependência na economia contemporânea (CASTOR, 1974; OGECIME, MOURA, 2020a).

Este movimento orienta este imaginário neocolonial na instância de normalização econômica e política do Estado-Nação haitiano: 1) na fronteira da ideologia liberal, que reduz e deslocou o espectro de operacionalização da mundialização para a hegemonia americana, chamado “americanização” por Galbraith - uma pura invenção estratégica de penetração econômica nos países subdesenvolvidos e uma atribuição natural do poder explícito do monopólio de significados legítimos da sociedade capitalista; e 2) na (re)institucionalização da hierarquia de classes sociais, do discurso da diferença e das práticas subsequentes cuja origem esteja na filosofia que orienta as instâncias civilizacionais da modernidade ocidental euro-centralizada. (PIERRE ETIENNE, 2007, OGÉCIME, 2016).

Esta situação reproduz a lógica da marginalidade no contexto da sociedade da informação no Haiti, por meio da operacionalização da influência do poder colonial e da falta de integração cultural e civilizacional no país. Essa marginalidade resulta em desigualdades sócio-étnicas, econômicas e políticas, dificultando o acesso igualitário à cultura, educação, oportunidades econômicas e participação política. A ocupação americana no início do século XX intensificou a marginalidade ao impor uma lógica desenvolvimentista e exploratória ao Estado haitiano.

Deste cenário, a tese da economia em redes, defendida por Castells (2011), já tinha encontrado a sua efetividade no país com a colaboração dos países ocidentais para a organização do poder da rede financeira global, favorecendo assim o domínio sobre o espaço-tempo para a comunicação dos agentes envolvidos. Esta economia em redes se

culminou, graças às tecnologias da informação e de comunicação, à criação e performance de uma elite financeira que se instituiu em duas oligarquias econômicas se organizando em: uma burguesia comerciante que (re)normaliza a cultura da renda e a institucionalização da corrupção e uma burguesia parasita cuja captura econômica decorre no processo de controle do aparato político do Estado (OGECIME; MOURA, 2020a).

É nessa cultura econômica que é matrizada a inteligência econômica e de produção da vida material no país; eis, uma inteligência econômica produtora de “inteligências operacionais exploracionistas” voltadas para e pelo exterior; movimento do qual os mecanismos de maximização de lucro normalizam a eficiência das técnicas neo-gerenciais em detrimento da responsabilidade social dos agentes econômicos.

Com a extensão mundial da internet, o desequilíbrio que separava o país com o “outro” desenvolvido se configurou em um novo tipo de colonialismo à manifestação múltipla e complexa. Da consideração de que a internet é o meio mais rigoroso de que dispõe o capitalismo para transmitir os seus modos de relações sociais e culturais, as condições de domínio da informação e seus canais se tornam os atributos da instância do poder que define a desigualdade da disputa cultural. Isto é a sofisticação da prática do **extrativismo** na nova superestrutura, mais comumente chamada de “ciberespaço”.

Este **extrativismo** não se resume apenas a uma instância da economia política, mas uma forma de ser, de pensar e de existir (GROSFOGUEL, 2016). Ele é a abstração e a conglobação dos diversos mecanismos e manifestações do predomínio econômico, político e/ou cultural dos países chamados “desenvolvidos” e mais influentes culturalmente no sistema-mundo sobre o “outro” empobrecido e subdesenvolvido.

A dimensão da informação neste processo remonta à prudência Heideggeriana sobre esta noção que não se reduz apenas a uma instância da linguagem, mas que abrange a noção da consciência de si e a essência histórica do sujeito e da cultura (HEIDEGGER, 2012). Trata-se, neste contexto, de um atravessamento de uma filosofia da informação que é, a sua vez, uma filosofia de vida ou do digital (como natureza de sociedade da informação) e uma filosofia da linguagem, da cultura e da existência consciente, aquela que abrange a dimensão do “outro”, da verdade e da História.

Isto remete à relação entre memória, cultura, sociedade e poder (OGÉCIME; SILVA, 2019). Destaca-se, neste sentido, a transição do extrativismo econômico para o extrativismo ontológico e epistemológico, que subordina o modo de pensar das sociedades à negação das prioridades locais em prol do outro desenvolvido, reproduzindo polarizações

etnocêntricas (GROSFUGUEL, 2016). Essa lógica extrativista ocupa todos os espaços e instâncias de produção e reprodução da vida à escala planetária, instrumentalizando dispositivos e mecanismos de ação sobre a matriz composta pela informação-conhecimento-tecnologia pelos eixos de poder de dominação na sociedade-mundo (OGECIME, 2020b).

No Haiti, isso se manifesta na relação de dominação sustentada pela práxis da linguagem, que subalterniza e destitui o registro cognitivo e cultural do país. A língua é uma fronteira que separa a cultura dominante da subalternizada (LÉONIDAS, 2015). A título de evidência, o francês foi consolidado para configurar o Estado nacional haitiano, mas apenas 2% da população tem o francês como idioma nativo e 40% é fluente nele. Em 2015, 52% dos sites com o registro de domínios.ht foram em inglês e 40% em francês. A relação do país com o outro hegemônico se desdobra em um processo de absorção coordenada das relações sociais criadas sobre as estruturas de linguagem consideradas hegemônicas para a consolidação cultural do projeto da sociedade da informação e do conhecimento (BUSS, 2008; RIBEIRO, 2011; WIKIMEDIA, 2015; WORLD WIDE..., 2015).

Esta ilustração desafia a nova lógica liberal que mistifica a emergência de uma emancipação econômica justa e equitativa na periferia por meio da democratização e a des-institucionalização da produção de conteúdos através das novas tecnologias sociais digitais. Consequentemente, estamos assistindo, na verdade, à (re)configuração e (re) agenciamento das localidades de poder de categoria informacional que condicionam um conjunto de mecanismos originários do poder simbólico estabelecendo a determinação das relações sociais no poder estrutural da sociedade-mundo. Isto mostra como a problemática da violência econômica é natural do sistema econômico; este sistema econômico é organizado desde dentro pelas lógicas civilizatórias ocidentais que modelam a nossa forma de ser, pensar e estar no mundo na direção dos eixos de poder de dominação. É um sistema econômico insulado que persiste para se reinventar apostando em dinâmicas sem recorrer a um melhor ajustamento de sua filosofia; uma filosofia de organização de mundo que se materializa pela invenção e exploração do “outro”.

Na configuração da Economia-política da informação no Haiti, este extrativismo do tipo informacional abrange a justaposição e transição das instâncias de agenciamento do poder sobre os significados que mantém: a unicidade da sociedade-mundo, o uso generalizado das tecnologias de informação e as mediações da informação e dos saberes

em prol da manutenção das relações de poder do tipo colonial e neocolonial. A transversalidade funcional destas categorias transforma a camada da interação social do ciberespaço como novo espaço de intensificação da competitividade cultural entre o país e o ocidentalo-centrismo originário do sistema-mundo (BLOCH, 2017; UNTERSINGER, 2019).

Deste novo paradigma de violência explícita e ideologia, é entendido que o agenciamento da autonomia e autoridade de significar e atribuir significado para o “que ser e não ser, relação e não relação, sentido e não sentido, do valorizado e do não valorizado” sintetiza e mecaniza o poder de sedução e uma potência de fascínio neste espaço desmaterializado. A americanização, como consolidação hegemônica da monocultura ocidentalo-cêntrica, exerce essa violência pelo fascínio ou pela sedução, para a representação pura e simples da sociedade capitalista que desempenha o papel de modelo universal e materializada pelas ideais e modelos de crescimento e de desenvolvimento no país. (GOUVERNEMENT, 2012).

Se na sociedade da informação e do conhecimento, a informação e o conhecimento são explorados para fins mercantis (contribuindo, por exemplo, para a emergência de novos mecanismos e relações sociais de trabalho: como a da medição de audiência) ou imaginários socioeconômicos (objetificando a realização da vida conforme a representação das identidades e humanidades digitais a partir da razão utilitarista e da fundamentação hegemônica do contexto sócio-histórico do sistema-mundo para as conquistas das mentes), a cultura informacional se imerge no neocolonialismo pela conveniência circunstanciada pelas novas mídias.

Neste cenário, as possibilidades de desenvolvimento do Haiti exigem, portanto, a apreensão de uma reflexão mais ampla sobre a evolução da condição social no país frente à tendência de “consolidação de projetos e iniciativas na qual o centro opera a (re)apropriação das tecnologias sociais e, é o arquiteto legítimo para a extração dos benefícios da unificação das culturas (FIORMONTE; SORDI, 2019, p. 108).

Nessa esfera, as TICs, sendo um pólo de crescimento com o que conta o capitalismo para renovar-se, levam à atualização de um antigo debate sobre a ordem geopolítica das correlações de poder do Estado-Nação haitiano e a questão da sua dependência tecnológica para autogerir unificadamente os seus produtos e as suas infraestruturas nacionais de informação. A polarização do domínio das Tecnologias da Informação e Comunicação evidencia-se, concorrentemente, na privatização das empresas

de telecomunicação do Estado e no poder consolidado pelas empresas das novas tecnologias de informação e comunicação, em sua maioria, americanas que perturbam a ordem econômica e as práticas sociais e culturais com um ritmo vertiginoso tanto no país como no mundo (BUSS, 2008; FIORMONTE; SORDI, 2019).

O quadro das condições e possibilidades do país para o desenvolvimento da sua indústria de informação continua se determinando desde a lógica de reprodução das relações e administração coloniais. Nesta relação, a metrópole, os Estados Unidos da América, detém as tecnologias de informação e de comunicação e as técnicas autômatas de extração da informação/dados usando mecanismos de diversas naturezas, baseadas em inteligência artificial e definem as relações sociais e econômicas instituídas em torno desta indústria (sejam: a informação, as relações de trabalho e as tecnologias) e, o Haiti, a colônia para a exploração da informação, o mercado de consumo e, simultaneamente, a república dos precariados como nova categoria de classe do setor de serviços e da uberização da força de trabalho (WILSON; KELLERMAN; COREY, 2013; FIORMONTE; SORDI, 2019).

Deste relé do globalismo americano unilateral, é importante ressaltar o papel da internet tanto como uma tecnologia que tem revolucionado a indústria digital, como uma ferramenta hegemônica e de poder que nutre a soberania do país na cibersociedade. Na sua arquitetura e governança, o gerenciamento de nomes de domínio é fornecido pela ICANN, uma instituição reguladora- técnica da rede global (com sede em Los Angeles), e dez dos treze servidores-raiz estão localizados nos Estados Unidos. Isto é, o reflexo da dominância da camada física que constitui as infraestruturas das infovias que realizam o processo de comunicação e a interação informacional pelas mídias eletrônicas (FIORMONTE; SORDI, 2019).

Essa (des)materialização da economia no espectro financeiro decorre da ilusão mantida por essas corporações e empresas na nova economia digital; pois elas não parecem realmente vendedores de novos produtos, mas servem como uma interface; prova disso são os seus valores de mercados. Essas empresas instrumentalizam as análises em contextos e vendas dos dados dos usuários, ou seja, de suas escolhas, gostos e interesses quando eles usam seus serviços na web, particularmente, nas redes sociais virtuais. Assim, elas podem definir seus perfis de consumidor com mais precisão e, em seguida, ser remunerados, oferecendo às empresas links de publicidade na Internet com impactos comerciais (FIORMONTE; SORDI, 2019).

Este imperialismo digital e neocolonial abrange a dependência das infraestruturas de comunicação do país na camada de aplicação do ciberespaço. Esta camada é composta por programas informáticos permitindo que todos possam utilizar a Internet sem conhecimento profundo da programação de computadores (web, e-mail, redes sociais, motores de pesquisa, plataformas de e-commerce, etc.). As revelações de Snowden, em 2013, demonstraram a problemática do sucesso mundial dos programas informáticos das empresas americanas, às quais os usuários confiam seus dados privados e são explorados engenhosamente pelas equipes de marketing ou serviços de inteligência do país. É deste panorama de controle de sistemas que é emanado o ditado “se é de grátis, o produto é você” que substancia a materialização da indústria informacional (ENRÍQUEZ ET AL., 2017; FANG, 2018).

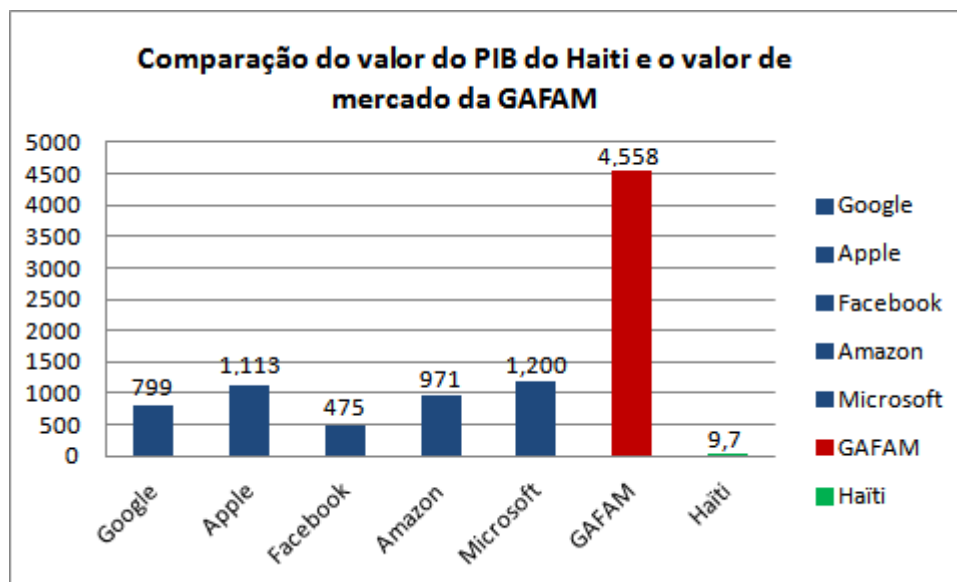
À medida que o uso da Internet e das TICs cresce, um punhado de pessoas e essas empresas, organizadas desde os países do centro ao Haiti, administram e confiscam as promessas de emancipação dessas ferramentas e as monopoliza para seu próprio lucro. Os mais conhecidos são o GAFAM, acrônimo formado pelas empresas (Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft) que se tornaram literalmente essenciais ao usar as tecnologias da informação e de comunicação. Outros gigantes da economia digital poderiam se juntar a eles nesse pequeno império; as empresas da NATU (Netflix, Airbnb, Tesla e Uber), por exemplo, mas o funcionamento dos serviços da maioria deles depende dos da GAFAM: - essas cinco empresas conseguem obter lucros cada vez maiores. Suas capitalizações de mercado nos permitem fazer uma melhor ilustração desta situação.

A capitalização de mercado de uma empresa representa o valor que os mercados financeiros atribuem a ela em um determinado momento. É a quantia que teoricamente teria que ser gasta no mercado de ações para adquirir esse negócio integralmente. Mais do que seu valor real, sua rotatividade ou lucros, este indicador ilustra a confiança dos investidores em seus lucros futuros. Para correlacionar a hegemonia da GAFAM com a economia do Haiti; as capitalizações de mercado delas, durante o primeiro trimestre deste ano, equivalem a 470 vezes maior que o valor do PIB do Haiti, considerando o valor do PIB do país em 2018, valor do qual é registrado um decréscimo consecutivo de -1.2% (em 2019) e de -4% (em 2020) - (CEIC, 2020; LA BOUSSOLE, 2020).

Embora essa comparação econômica possa aparentar inconsistente para a economia clássica, mas, faz-se uma racionalidade imprescindível para a apreensão das relações e

instâncias de poder nas modalidades deste novo capitalismo que se torna, cada vez mais, independente da restrição da acumulação de lucros mediada pelo trabalho concreto.

Gráfico 8 – Comparação do valor do PIB do Haiti e o valor de mercado da GAFAM (em bilhões de dólares USD).



Fonte: CEIC, 2020; LA BOUSSOLE, 2020 (elaborado pela autoria, 2020).

Da intensificação do valor do capital financeiro no interior do sistema de produção capitalista à ocupação do lugar substancial que essas superpotências tecnológicas americanas ganham consideravelmente em nossas vidas digitais, pode-se dizer que quanto mais elas controlam os meios de acesso aos conteúdos informacionais, mais engajam a audiência e a operacionalização de mecanismos sofisticados de dependência dos sistemas nacionais de informação dos países periféricos. Isso gera um poder pluridimensional (ENRÍQUEZ et al.; 2017) sem paralelo que nenhuma mídia tem exercido, até então, na história ocidental; pois ele abrange, universaliza e integraliza as tecnologias da mente, da comunicação, da informação, entre outras, em quase todos os aspectos da vida social do homem contemporâneo. Além da dependência tecnológica, isso provoca, no caso do Haiti, um certo deslocamento nas localidades dos poderes para efetivar qualquer protagonismo nacional na gestão eficiente do complexo "informação-mediação-sociedade" no desencadeamento dos processos político-econômico-sociais de desenvolvimento do país.

Se na economia informacional, o patrimônio do Haiti é constituído pelo conjunto de formas históricas que presidem à produção, circulação, apropriação sociais de ideias, de objetos, de sentidos e de símbolos próprios aos saberes e práticas dos seus grupos sociais

(Marteleto, 2016); com o imperialismo e o colonialismo digitais, pode-se dizer que é a consolidação geopolítica do conhecimento do norte global que orienta as instâncias de valores destas formas históricas nas localidades de reprodução objetiva dos imaginários (colonial e neoliberal), usando instrumentos da linguagem e ignorando (ou fingindo 'ignorar) a dimensão política desta necessidade de para fins políticos estratégicos. Para a produção das relações sociais, de valor financeiro, sobre as categorias “*informação-conhecimento-tecnologia*”, tais estratégias complexificam, mecanizam e intensificam a subordinação da indústria cultural haitiana a continuar recorrendo-se e reproduzindo-se nas formas históricas conforme a filosofia instituinte do projeto civilizatório ocidentalo-cêntrico. Isto é a instauração da tecnicização da violência do sistema-mundo nas relações sociais construídas em torno do progresso das técnicas.

A institucionalização da sociedade da informação e do conhecimento no Haiti neocolonial é uma questão de sedução simbólica cujas raízes são encontradas em um imaginário ambiente que se baseia nas relações assimétricas que datam da primeira intervenção colonial. O apagamento dos modelos locais e quadros referenciais de identidade produz continuamente a necessidade de recorrer aos quadros de referências da *americanização*. Nessa efervescência, o mimetismo beira a alienação. Os aspectos culturais relacionados a esse modo de institucionalização se encontram e se manifestam nas relações entre as ações sobre a informação e sua instrumentalização, o ato e proceder de conhecer, a forma de “ser e de estar” no corpo social global, as atuais mídias de massa, o imaginário popular e as práticas sociais. No país, a hegemonia ocidentalo-cêntrica não poupa, portanto, o universo simbólico; e, é nessas relações complexas que a dominação continua envolvendo a instrumentalização do capital simbólico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade da informação e do conhecimento é vista como uma saída do subdesenvolvimento para o Haiti que ainda não entrou em um processo de emergência. No entanto, as análises deste fenômeno no país, mostraram que ele não se resultou a uma dinâmica de desenvolvimento, mas sim a uma sociedade reclusa, anômica e frágil. As condições a serem atendidas para reverter esta ordem, relacionam-se, em particular, com o grau de desenvolvimento institucional e a qualidade do ambiente técnico e educacional, embora dependam em grande parte do nível de desenvolvimento econômico.

O projeto de sociedade da informação e do conhecimento revelou-se, de fato, muito incerto, não podendo se desfazer dos constantes esquemas políticos do sistema-mundo e da produção a uma dimensão informacional, desconsiderando, a sua dimensão material. Revelada como relés e extensão do projeto da modernidade, esta abordagem se inscreve historicamente apenas na ideia de uma superação das ideologias marcadas pela expansão do capitalismo dos países desenvolvidos no país e, se reduz a um determinismo tecnológico desconsiderando a importância do contexto sócio-histórico da sociedade haitiana.

A persistência do subdesenvolvimento no país, além dos esforços conjugados em prol da concretização das apostas do projeto da sociedade da informação e do conhecimento, trata-se, a priori, de uma questão de ordem simbólica, cujas raízes se encontram em um imaginário ambiente que se baseia em relações assimétricas que datam da era colonial. Na sociedade da informação e do conhecimento, esta dominação se transversaliza pela instrumentalização do capital simbólico cuja instância simbólico-material se encontra na matriz composta pela informação-conhecimento-tecnologia.

Por tanto, pode-se dizer que a sociedade haitiana subdesenvolvida como sociedade global é um fenômeno sócio-histórico que tem a ver com um imaginário instituinte sócio-histórico. A configuração material desta sociedade subdesenvolvida está relacionada a um imaginário social herdado e transmitido de geração em geração. Este imaginário herdado mantém ao longo do tempo as mesmas atitudes e comportamentos que facilitam, por um lado, o monopólio de acesso aos instrumentos e fontes de poder por uma minoria. Por outro lado, estabelece as relações excludentes da maioria ao perpetuar obstáculos e bloqueios ao longo das gerações. Nesta equação política, a atitude da minoria oligárquica priva o acesso aos recursos à maioria e os impede de participar no campo do poder da sociedade.

Consequentemente, a sociedade haitiana subdesenvolvida é uma sociedade heterônoma controlada remotamente, uma sociedade corporatocrática, onde o imaginário efetivo é o imaginário colonial, internacional e neocolonial. Por tanto, o imaginário nacional é forma vazia e fictícia que, além de ser uma marca identificadora, não se refere a nenhum conteúdo substantivo.

REFERÊNCIAS

ALLIX, Grégoire. Reconstruction d'Haïti: le casse-tête de la corruption. **Le Monde – Amériques**: publication du 02 février, 2010.

BAUER, Johannes M. **Inequality in the information society**. Michigan State University. SSRN, 2016.

BESSIS, Sophie. **Occidente y los otros: Historia de una supremacía**. Editorial: Alianza. España, 2002.

BLOCH, Laurent. L'internet, vecteur de puissance des États-Unis? Géopolitique du Cyberspace, nouvel espace stratégique. **Diploweb**, France, 2017.

BRODEUR, Magali. Gouvernance et corruption en Haïti: état des lieux, impacts et enjeux. **Haïti Perspectives**, vol. 1; no. 2. Port-au-Prince, 2012.

BRODEUR, Magaly; DELORME, Pierre. Pour une gouvernance locale responsable: Énoncé de gouvernance responsable. **Association internationale des maires francophones (AIMF)**. Paris, 2011.

BUSS, Terry F. **Haiti in the balance: why foreign aid has failed and what we can do about it**. National Academy of Public administration. Brookings Institution Press. Washington, 2008.

BUREAU DE RECHERCHE... Gouvernance et corruption en Haïti : Résultats de l'enquête diagnostique sur la gouvernance. **Rapport final**. Port-au-Prince, 2007.

CADET, Waner. Haïti : le naufrage de l'État : quelle sortie ?, Dakar-Fann, Panafrika : **Silex / Nouvelles du sud**, impr. Sénégal, 2008.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em Rede. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Volume 1. Paz e Terra, São Paulo, 2011.

CASTORIADIS, Cornelius. **A ascensão da insignificância. As encruzilhadas do labirinto**. Paz e Terra, v. IV. São Paulo, 2002.

_____. **O mundo fragmentado. As encruzilhadas do labirinto**. V. III. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1992.

CITRARO, Leonidas Torres. Métricas para la sociedad del conocimiento. **Revista La Propiedad Inmaterial**. 16 (nov. 2012), 177-208.

CORTEN, André; MOLINA, Vanessa. Le “mauvais sujet” de l'aide humanitaire en Haïti : relance de l'imaginaire social. **Politique et Sociétés**, 34 (3), 2015, pág. 59–79.

DUSSEL, Enrique. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, 2005.

_____. **El encubrimiento del otro: Hacia el origen del mito de la modernidad**. 2a Edición: Editorial Cambio XXI. México, 1994.

ENRÍQUEZ, Jakeline Villota et al. Para uma política da informação no ciberespaço: avanços, perspectivas e desafios. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. V. 15, n. 3. 2017. Campinas, 2017.

FANG, Binxing. Cyberspace sovereignty: Reflections on building a community of common future in cyberspace. **Springer: Sciences Press Beijing**. China, 2018.

FIORMONTE, Domenico; SORDI, Paolo. Humanidades digitais do sul e GAFAM. Para uma geopolítica do conhecimento digital. **Humanidades digitais: olhares do sul**. V.15 n.1 (2019). pág 108 – 130.

GOUVERNEMENT DE LA RÉPUBLIQUE D'HAÏTI. **Plan stratégique de développement d'Haïti: Pays émergent en 2030**. Tome I: Les grands chantiers pour le relèvement et le développement d'Haïti. Document de consultation publique. Port-au-Prince, 2012.

GROSGOUEL, Ramón. Del extractivismo económico al extractivismo epistémico y al extractivismo ontológico: una forma destructiva de conocer, ser y estar en el mundo. **Tabula Rasa**. Bogotá – Colombia, No. 24: 123-143, enero-junio 2016.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo** [bilíngue]. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.

HONLONKOU, Albert. Corruption, inflation, croissance et développement humain durable. **Mondes en développement**, vol. 3, no 123; 2003.

HURBON, Laënnec. Le statut du vodou et l'histoire de l'anthropologie. *Gradhiva*. Vol. 1, 2005, pág. 153-163.

_____. **Comprendre Haïti. Essai sur l'État, la nation, la culture**. Les Éditions Karthala. Paris, 1987.

KLARREICH, Kathie; POLMAN, Linda. The NGO Republic of Haiti. How the international relief effort after the 2010 earthquake excluded Haitian from their own recovery. **The Nation Politics**. October 31, 2012.

LÉONIDAS, Jean-Robert. **Prétendus Créolismes: Le Couteau Dans L'igname**. Collection Créole & créolité. Montréal, 2015.

OGECIME, M.; MOURA, M. A. Da (re)configuração do capitalismo informacional no Haiti à economia de violência. **Liin Em revista**, 16 (1), e 5134, 2020a.

_____. Sociedade da Informação e do Conhecimento: uma reflexão político-econômica sobre as possibilidades e condições dos países periféricos para o desenvolvimento. In *Mediações da informação, democracia e saberes plurais*; Org. Maria Guiomar da Cunha Frota, Fabricio José Nascimento da Silveira, Pablo Gomes. **Anais da 4ª Jornada Científica Internacional da Rede Mussi**. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação/Universidade Federal de Minas, 2020b.

_____. As aporias da economia política da informação e do conhecimento no interior do capitalismo informacional. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XX ENANCIB, 2019.

OGÉCIME, Mardochee; SILVA, Rubens Alves. Dos níveis da memória aos seus desdobramentos info-tecnocistas na sociedade da informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**. Vol. 14, No 4 (2019).

RIBEIRO, Lacy Ramos Jubé. **Pensamento e linguagem nas teorias histórico-cultural e sociocultural: contribuições para o ensino da língua materna**. Tese - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2011.

UNTERSINGER, Martin et al. Cyberspace : la guerre mondiale des données. **Le monde international** – publication 23 juillet 2018 – Mise à jour 04 juillet 2019.

TRANSPARENCY INTERNATIONAL. **Haiti Corruption Index: 2002-2019 Data**. Disponível em: <<https://tradingeconomics.com/haiti/corruption-index>>. Acesso em: 15 de novembro de 2020.

WALLERSTEIN; Immanuel. **The Modern World-System III – The Second Era of Great Expansion of the Capitalist World-Economy, 1730s-1840s**. First Edition. University of California Press, 2011.

WEIK, Elke. Introducing the Creativity of Action into Institutional Theory. **Revue: Management**; vol. 15; 2015/5. Pág. 564-581.

WIKIMEDIA. Wikimedia Traffic Analysis Report - Wikipedia Page Views Per Country – Breakdown. **Monthly requests or daily averages, for period: 1 Jul 2009 - 30 Sep 2015**.

WILSON, Mark I.; KELLERMAN, Aharon; COREY, Kenneth E. Global Information Society: Technology, Knowledge, and mobility. Human Geography in the 21th – **Issues and applications**. Rowman & Littlefield publishers, Inc. United Kingdom, 2013.

WORLD WIDE... **Distribution of content languages among websites that use .ht**. [Data 2015]. Disponível em: <[https://w3techs.com/technologies/segmentation/tld-ht-content language](https://w3techs.com/technologies/segmentation/tld-ht-content-language)> Acesso em: 11 de dezembro de 2020.